

Manifesto do Partido Operário Revolucionário

Derrotar a intervenção das potências na Líbia com uma frente antiimperialista

Virar todas as armas contra os agressores externos

Somente o povo líbio pode derrubar a ditadura de Kadafi

21 de março de 2011

São visíveis os resultados iniciais da ofensiva das potências contra os alvos militares do governo líbio. A destruição não poupou locais públicos e vida de civis. Os mísseis guiados por GPS não distinguem quem está próximo do alvo, se militares ou civis. Estimam-se cerca de cem mortos e mais de uma centena de feridos. Mais uma vez, o mundo assiste à prepotência do imperialismo com seu sofisticado aparato de guerra.

Aviões, baterias antiaéreas e tanques das forças de Kadafi são poderosos para esmagar um despreparado levante em Benghasi, mas são velharias inúteis perante a tecnologia militar dos Estados Unidos, França e Inglaterra. Velharias vendidas à Líbia a preço de ouro pela burguesia européia e norte-americana.

As primeiras destruições e mortes são sintomas de uma causa histórica. O imperialismo se defronta com um levante generalizado do Norte da África ao Oriente Médio. As ditaduras e monarquias, constituídas desde a 1ª Guerra Mundial sob o domínio das potências, estão em completa contradição com a necessidade de desenvolvimento das forças produtivas e solução da miséria das massas.

O colonialismo e o imperialismo extraíram gigantesca riqueza da região. Uma parcela da acumulação do capital internacional se deve ao saque dos países árabes. As monarquias e as ditaduras assentadas pela oligarquia burguesa árabe e pelo colonialismo serviram aos interesses das potências e para o funcionamento mundial do capitalismo.

A divisão do povo árabe em países concorrentes entre si e mesmo adversários não serviu ao desenvolvimento econômico e social. Ao contrário, serviu à dominação colonialista e imperialista. As oligarquias, monarquias e ditaduras submeteram as fontes de matérias-primas aos monopólios estrangeiros e vergastaram suas populações. O nacionalismo pan-arábico se manifestou como tentativa de oposição ao domínio externo e de unidade das nações árabes. Fracassou. Não pôde enfrentar o poder das potências erguendo um capitalismo nacional árabe.

A economia semicolonial rodeada pela economia internacional não teve como romper o cerco com ditaduras nacionalistas. O declínio final do pan-arabismo em fins de 1960 e a consolidação do Estado sionista, um enclave do imperialismo no Oriente Médio, abriram um período de escancarado expansionismo norte-americano, apoiado

nas demais potências. A derrota do Egito na guerra contra Israel foi decisiva para erradicar o pan-arabismo. A vitória coube aos Estados Unidos. A submissão das ditaduras e monarquias árabes se ampliou. A política da Casa Branca penetrou no cerne dos poderes. A guerra fratricida entre Irã e Iraque foi estimulada pelos Estados Unidos. Esperava com ela derrocar a Revolução Islâmica, ou seja, o nacionalismo xiita. Acabou impulsionando o nacionalismo sunita no Iraque. Duas novas guerras foram desfechadas. Agora, intervencionista. Os Estados Unidos vão a fundo em sua ofensiva militar, ocupando o Iraque. Permaneceu em pé o Irã. O plano norte-americano e israelita de guerra está pronto na gaveta do Pentágono.

Esses acontecimentos indicam o fortalecimento das tendências bélicas do capitalismo mundial. Os impasses que se manifestam no quadro da crise geral empurram as potências para a escalada militarista, para o intervencionismo e as guerras. A ofensiva bélica na Líbia expressa as necessidades dos Estados Unidos de preservar a dominação na região e impulsionar a indústria de armamentos.

É necessário ter em mente a situação histórica em que ocorre o levante das massas árabes e o particular conflito na Líbia. Esgotado o nacionalismo pan-arábico, Kadafi se viu na contingência de abandoná-lo e de se sujeitar às exigências do Ocidente (imperialismo). Mas teve a particularidade de manter seu regime fechado à penetração das diretrizes norte-americanas, distinto dos demais em que os agentes das potências dão ordens internas, como no caso do Estado egípcio, da Arábia Saudita, etc. Não era do interesse da burguesia internacional a derrubada de Kadafi, como não era a da Tunísia e a do Egito. Havia sim um movimento dos Estados Unidos para que houvesse reformas nos regimes, de forma a potenciar a burguesia interna e abrir mais ainda os países para as multinacionais. O que não se esperava era que explodisse uma onda revolucionária das massas.

A derrubada das ditaduras e monarquias por essa via constituía e constitui um grande perigo para a dominação. O imperialismo não teve outra alternativa senão intervir no processo, de forma a abortar as revoluções de início democráticas. Seria conveniente se na Líbia ocorresse o mesmo que na Tunísia e no Egito. Depois da mortandade, o imperialismo toma as dores do povo e promove uma reforma, contando com a colaboração da oposição burguesa. O golpe militar no Egito foi tão palaciano que houve “trotsquistas” que não o viram. A revolução foi interrompida e dissolvida.

Mas, na Líbia, a ditadura esgotada, antes de ser enterrada, em seus espasmos, foi à guerra civil. O imperialismo tratou de reunir lideranças da oposição, parte dela vinda do próprio regime, e pressionar Kadafi a entregar o poder. Fracassou. Os Estados Unidos não têm homens diretamente ligados ao centro do poder, que lhes permitisse fomentar um golpe. A solução do poder pela burguesia imperialista vem pelo golpe interno ou pela remoção cirúrgica, como foi o caso da destruição do regime de Saddam Hussein. Lembremos que este pagou com a vida em um tribunal montado no Iraque pelos Estados Unidos. Está colocada essa via na Líbia.

O levante armado de Benghazi estava na iminência de ser derrotado. Não havia caminho de volta às potências. Na ONU, o imperialismo havia exigido a destituição de

Kadafi e montado o Tribunal de Haia para julgá-lo por crime de humanidade (como se o imperialismo fosse a própria humanidade). Eis o argumento: intervir militarmente em defesa da vida dos líbios; evitar que Kadafi os sacrifiquem.

Não há guerra imperialista que não se tenha uma grande farsa. As vidas dos sublevados líbios estão confundidas aos interesses econômicos e estratégicos do imperialismo. Uma bela e altiva farsa pode ser montada aos olhos da população mundial. Os fuzis, tanques e aviões de Kadafi são uma ameaça a humanidade dos líbios. Os mísseis teleguiados, emissários de potentes bombas, carregam a cruz da vida e do humanitarismo.

Os povos que entram em conflitos internos e que decidem resolver suas disputas pela violência não podem por si mesmos enfrentar seus problemas de humanidade. É preciso uma força civilizadora, como a dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França, com suas armas mortíferas e acéticas, intervir em favor de um dos lados. Um batalhão de jornalistas vendidos lacrimeja a dor dos mortos e convence o mais humilde dos seres que os Estados Unidos iniciaram os ataques a Kadafi para restabelecer os valores humanos e a liberdade na Líbia.

Obama, com os pés no Brasil, ao lado do governo brasileiro, ordenou o ataque. Enquanto sorria para as criancinhas da favela Cidade de Deus, a máquina de guerra norte americana, inglesa e francesa iniciava os ataques. Tudo estava montado para a intervenção.

Diz um dos porta-vozes que o objetivo não é matar Kadafi e sim destituí-lo. Mas os mísseis foram diretos onde o alvo poderia estar. A santa aliança européia- norte americana tomou a decisão de acabar com Kadafi, vivo ou morto. Não serão os sublevados que porão fim à ditadura, mas as armas estrangeiras.

Não há revolução enquanto o imperialismo estiver atacando a Líbia. Somente há revolução se os insurretos rechaçarem o intervencionismo e ganharem a maioria dos líbios para sua causa. Mas não é o que está acontecendo. É imperativo que as forças revolucionárias se coloquem em luta contra a intervenção e defenda que somente o povo líbio pode pôr fim ao regime de Kadafi.

Frente às armas do imperialismo e a autodefesa das forças de Kadafi, lutamos contra as armas do imperialismo. Sob o ataque das potências, com suas armas e com sua política, não se coloca a derrubada de Kadafi. O ditador diz que colocará armas nas mãos de um milhão de líbios. Que o faça, imediatamente! Somente as massas exploradas e oprimidas poderão derrotar a ofensiva imperialista e continuar a revolução iniciada em Benghazi.

A luta antiimperialista e de defesa nacional da Líbia pelo proletariado jamais se confunde com a defesa da ditadura de Kadafi.

Derrotar o imperialismo para triunfar a revolução.